



Contagem regressiva para a guerra de Trump

Expira em 1º de maio o prazo legal para que o presidente dos EUA mantenha as operações militares contra o Irã sem autorização do Congresso. Mesmo em minoria, oposição democrata articula com governistas descontentes que enfrentarão as urnas em novembro

» SILVIO QUEIROZ

Donald Trump desmentiu ontem que esteja sob pressão para fechar um acordo de paz com o Irã e encerrar a guerra iniciada em 28 de fevereiro, em parceria com Israel. Com o processo de negociações mediado pelo Paquistão efetivamente estagnado, embora um cessar-fogo esteja em vigor sem prazo definido, o presidente dos Estados Unidos alertou o adversário de que “o relógio está correndo”. Mas, em Washington, a oposição democrata monitora o calendário de olho em 1º de maio: é quando vence o prazo legal de 60 dias para que a Casa Branca submeta ao Congresso um pedido de autorização para declarar guerra formalmente — sob pena de iniciar uma retirada ou desafiar abertamente o Legislativo.

“Tenho todo o tempo do mundo, mas o Irã, não”, escreveu Trump em suas redes sociais. “O relógio está correndo para eles!” O presidente deixou de mencionar a tentativa de retomar negociações diretas com o regime islâmico, na capital paquistanesa, e invocou o impacto que atribui ao cerco imposto pela Marinha norte-americana à entrada ou saída de navios mercantes, em especial petroleiros, dos portos iranianos. “O bloqueio (naval) é herético e firme, e a partir de agora a situação só vai piorar”, ameaçou.

A Lei sobre Poderes de Guerra determina que o presidente, caso tenha acionado as forças militares sem autorização de deputados e senadores, tem 60 dias para determinar o fim das operações. O prazo pode ser estendido por 30 dias, mas apenas se a Casa Branca apresentar ao Congresso, por escrito, garantias de que esse período se destina a proceder à retirada das tropas — não a continuar os combates. Caso contrário, o Legislativo tem de se pronunciar sobre uma declaração formal de guerra. Os ataques coordenados de EUA e

Israel começaram em 28 de fevereiro, um sábado, mas o presidente só notificou os parlamentares na segunda-feira, 2 de março. Por essa razão, o prazo legal expira dentro de uma semana.

Citada

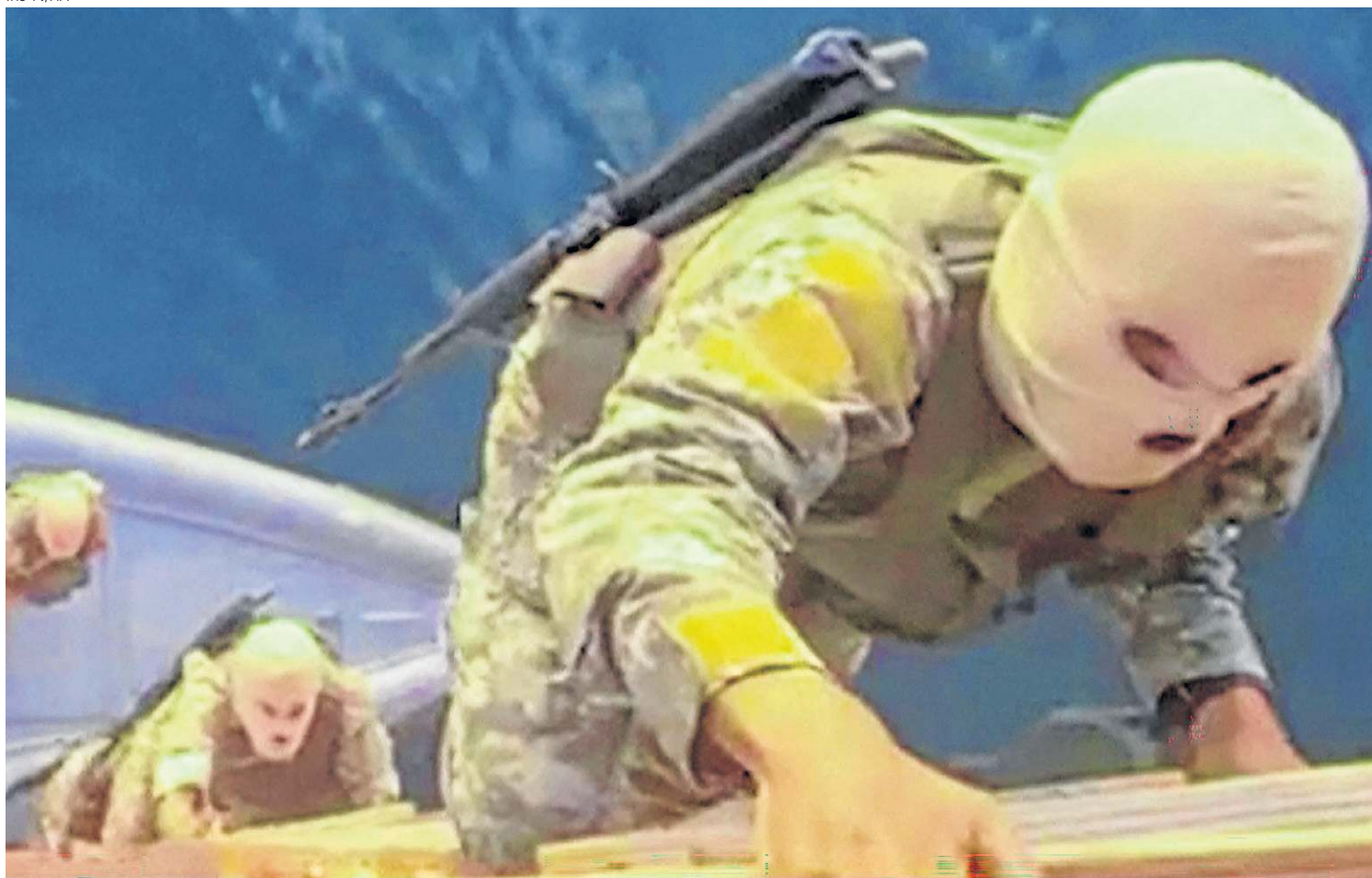
Na avaliação do professor de relações internacionais Gunther Rudzitz, da ESPM, Trump parece ter sido atraído pelo adversário a uma armadilha. “Quem está ganhando nessa guerra é o Irã, porque para ele não é uma guerra militar: é uma guerra econômica”, observa, em entrevista ao **Correio**. “E o regime islâmico vai fazer de tudo para sobreviver, mesmo que isso implique um custo humanitário muito grande.” O estudioso lembra que Teerã aposta “na sobrevivência”, enquanto Washington deu início aos combates sem definir claramente seus objetivos, fossem militares ou políticos.

Enquanto mantiver o Estreito de Ormuz interditado para o tráfego naval, em particular de petroleiros, o governo iraniano vai seguir pressionando a economia mundial — e a dos EUA, onde Trump tem pela frente uma eleição legislativa na qual o Partido Republicano (governista) se vê seriamente ameaçado de perder a maioria apertada que mantém na Câmara dos Deputados, com risco de sofrer o mesmo também no Senado. “Trump não tem alternativas”, conclui o professor da ESPM. “Caiu nessa armadilha, porque o Irã não precisa usar força excessiva para fechar o estreito: basta disparar contra um navio, ou tomar um navio, que as seguradoras suspendem as garantias. E nenhum armador vai passar um navio nessas condições.”

“Destruir”

Numa demonstração de que enxerga o peso do xadrez econômico, e não ignora o custo político de opções como um ataque por terra, com potencial para causar numerosas baixas militares, o presidente dos EUA

Irib TV/AFP



Militares da Guarda Revolucionária iraniana abordam navio comercial no Estreito de Ormuz: impasse naval limita opções para os EUA

voltou ontem a colocar ênfase no bloqueio naval que determinou, com a interceptação de embarcações com origem ou destino em portos iranianos. Como complemento, Trump anunciou que deu ordens à Marinha para “disparar e destruir” qualquer navio ou lancha que seja identificado colocando minas no Estreito de Ormuz.

Desde que o bloqueio foi imposto ao Irã, no último dia 13, as forças dos EUA relatam ter interditado ou abordado mais de 30 embarcações — todas em águas externas a Ormuz e ao Golfo Pérsico. O Irã, por sua vez, intensificou a interdição do estreito e anunciou na quarta-feira ter forçado o retorno de três cargueiros que buscavam sair em direção ao Mar de Omã.

O impasse naval fez fracassar a tentativa do Paquistão de promover, no último fim de semana,

uma segunda rodada de negociações presenciais entre representantes dos dois países. Uma semana antes, uma maratona de 21 horas de reuniões terminou sem acordo, e o vice-presidente dos EUA, J. D. Vance, que liderou a delegação americana, suspendeu de última hora a viagem para Islamabad, na quarta-feira. Ainda assim Trump decidiu renovar, sem novo prazo, o precário cessar-fogo observado com o Irã — e acatado também por Israel.

“Existe uma vontade real dos EUA de terminar o conflito, para baixar o preço do petróleo e deixar de afetar a economia americana”, diz o professor da ESPM. “Mas não acredito que haja essa vontade por parte do governo iraniano, porque ele quer prejudicar o governo Trump e os EUA”, observa. “Eles só estão negociando por grande pressão da China.”

Cessar-fogo prorrogado

Os embaixadores de Israel e do Líbano em Washington acertaram ontem na Casa Branca a prorrogação por três semanas de um cessar-fogo de 10 dias, firmado no Departamento de Estado, que venceria neste domingo. O anúncio foi feito pelo presidente Donald Trump, que decidiu intervir pessoalmente para assegurar mais algum fôlego na segunda frente da guerra no Oriente Médio, iniciada no último dia de fevereiro. Ele disse ver “grandes possibilidades” de que os dois países cheguem ainda neste ano a um acordo de paz completo e definitivo — com o reconhecimento recíproco, inédito nas oito décadas de vida independente de ambos.

A principal incógnita para o processo é a ausência à mesa do Hezbollah, que mantém uma milícia com atuação em especial no sul do Líbano. O movimento xiita pró-iraniano retomou os ataques ao norte de Israel, suspensos desde 2024, após os primeiros ataques conjuntos americanos e israelenses ao Irã, que resultaram na morte do líder supremo da República Islâmica, o aiatolá Ali Khamenei. Desde então, o governo libanês registra mais de 2 mil mortos em bombardeios e 1,2 milhão de cidadãos deslocados do sul do país, onde Israel mantém tropas ocupando uma faixa de 8km de profundidade a partir da fronteira.

ESTADOS UNIDOS

Imagem de família separada pelo ICE vence o World Press Photo

» RODRIGO CRAVEIRO

Em prantos, as duas filhas do imigrante equatoriano Luis (o nome não foi divulgado) agarram-se ao suéter do pai, enquanto ele é levado pelo Serviço de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos (ICE), nos corredores da Corte de Nova York. A repórter fotográfica independente Carol Guzy, 70 anos, cobria as audiências com solicitantes de asilo quando registrou a cena, em 26 de agosto de 2025. A imagem venceu a categoria “Foto do Ano”, a principal do World Press Photo, o prêmio mais importante do fotojornalismo mundial. Em entrevista ao **Correio**, Guzy se disse “encantada” com o fato de “um prêmio tão prestigiado oferecer reconhecimento a uma história em evolução”.

“Essa imagem simboliza o sofrimento enfrentado por incontáveis

solicitantes de asilo, cujas famílias são destruídas pela deportação em massa do presidente Donald Trump”, explicou a repórter fotográfica. “O trabalho destaca a importância crítica dessa história em âmbito mundial. Crianças traumatizadas acabam no fogo cruzado, famílias se desintegram e o medo se espalha entre a comunidade de imigrantes, que precisa lidar com as batidas (do ICE)”, acrescentou.

Guzy contou que documentou detenções feitas pelo ICE, na Corte de Nova York, entre junho e dezembro de 2005. “Esta foi uma de muitas separações familiares que presenciei, de forma dolorosa. Não podemos ignorar o choro das crianças, inocentes. Na foto, as jovens agarram-se com força ao pai, Luis. São solicitantes de asilo equatorianos que aguardavam em uma fila. Há caos, os agentes puxam as mãos das garotas, enquanto

Carol Guzy



As filhas de Luis agarram-se ao pai, preso pela polícia da imigração

Arquivo pessoal



Carol Guzy, a ganhadora do prêmio: “Não podemos ignorar o choro das crianças, inocentes”

a família chora. Em um instante, o destino de Luis é selado”, relatou. “O desespero dessas garotas, agarradas ao pai, comoveu as pessoas de modo visceral. O elo entre pais e filhos é primal e profundo. Meu pai morreu quando eu tinha 6 anos. Entendo muito bem o vazio eterno da perda no coração de uma criança.”

Na opinião da fotógrafa premiada com o World Press Photo, apesar da necessidade de uma reforma migratória, há dúvidas sobre as táticas do governo. “Solicitantes de asilo são enviados à Justiça acreditando que terão acesso ao processo legal. Cocha, esposa de Luis, declarou que gostaria que o governo fosse mais humano”, disse Carol Guzy. Ela admitiu que a Primeira Emenda da Constituição — que defende a liberdade de expressão — está sob ataque. “Há grande poder em fotos como essa para informar, educar e oferecer um insight para a humanidade. Há uma divisão política nos EUA, e a cobertura está sujeita a consequências ditadas pelas políticas do governo. Talvez a imagem nos leve a questionar: isso é o que somos? Espero que este reconhecimento sirva de inspiração para os mais experientes da nossa profissão!”, opinou.